

Dr. David A. DeSilva,

2 Pedro e Judas

Sessão 5

Como observamos, a abertura de Judas sinaliza claramente aos seus ouvintes que Judas escreveu uma carta. De fato, a extensão de Judas é muito mais comparável à massa de cartas que sobrevivem do uso real de cartas no mundo greco-romano do que às cartas mais longas que temos de Paulo, por exemplo. Mas que tipo de carta seus ouvintes teriam entendido que Judas escreveu? Vários manuais sobre tipos de cartas sobreviveram desde a antiguidade.

Trata-se essencialmente de catálogos dos tipos de cartas que alguém poderia ser chamado a escrever, acompanhados de exemplos muito curtos de cada tipo. É provável que esses manuais tenham sido produzidos inicialmente para aqueles que se preparavam para se tornarem escribas e funcionários profissionais na administração romana. Dois dos manuais mais completos catalogam entre 20 e 40 tipos de cartas, incluindo a carta de recomendação, a carta de amigo e a carta de repreensão.

Ambos os manuais também reconhecem o tipo misto, quando uma situação específica exige mais de um tipo de intervenção para atingir seu objetivo. Jude escreve uma carta do tipo misto. Seu tipo principal é o consultivo, no qual o autor recomenda um curso de ação em detrimento de outros e/ou busca dissuadir os destinatários de um curso de ação.

Aqui, Judas exorta seu público, ou públicos, a batalhar pela fé que uma vez foi entregue aos santos, edificando-se nessa fé, mantendo os olhos fixos na misericórdia que esperam no dia do juízo, ajudando-se mutuamente a permanecer no caminho certo, ao mesmo tempo que os dissuade de ceder às tentações e aos exemplos dos impostores que se infiltraram em seu meio. A carta de Judas também tem o caráter de uma carta injuriosa ou de uma carta de censura, na qual se expõe a maldade do caráter de alguém ou a ofensividade de sua ação contra alguém. De fato, mais palavras são dedicadas a esse objetivo do que a objetivos consultivos, mas ainda fica claro que a censura ou a injúria são secundárias em Judas e servem ao objetivo principal de persuadir a congregação a não se deixar influenciar pela prática e pelo ensino do intruso, mas sim a continuar firmemente no caminho que os apóstolos os haviam estabelecido.

Será imediatamente evidente para aqueles que têm alguma familiaridade não apenas com a escrita de cartas antigas, mas também com a retórica clássica, que há uma sobreposição natural entre os tipos de cartas consultivas e injuriosas, bem como seus opostos, os tipos de cartas dissuasivas e elogiosas ou laudatórias, e dois dos três principais gêneros de oratória, os gêneros deliberativo e epidítico. A oratória deliberativa era empregada para persuadir um grupo a adotar um determinado curso de ação ou decidir não tomar um determinado curso de ação em resposta a alguma situação ou oportunidade que se apresentasse. A oratória epidítica era mais ampla, mas frequentemente era definida como oratória que tinha como objetivo apresentar alguma pessoa, atributo ou objeto como louvável e, portanto, honroso, ou como censurável e, portanto, vergonhoso.

Alguns estudiosos têm se mostrado compreensivelmente relutantes em adotar a análise retórica das cartas do Novo Testamento, desencorajados pela tendência dos críticos retóricos mais exuberantes de forçar cada documento a se enquadrar no esboço de um discurso clássico, contrariando o sentido natural de como o conteúdo da carta se desenvolve. No entanto, podemos ter certeza de que alguém que escreve uma carta na qual busca persuadir outros a adotar ou evitar uma determinada linha de ação faria uso de toda e qualquer estratégias deliberativas no nível de tópicos e argumentos. Da mesma forma, uma pessoa que escreve uma carta para elogiar ou censurar o caráter de alguma figura não hesitaria em recorrer a toda e qualquer estratégia retórica e tópico para atingir esse objetivo.

Particularmente no caso de Judas, a sobreposição entre gêneros de cartas e gêneros de discursos é tão grande que não deveríamos nos surpreender ao encontrar a teoria retórica clássica sobre invenção ou a descoberta de possíveis meios de persuasão como auxiliar na análise aprofundada da estratégia de Judas e dos prováveis efeitos de sua carta. Judas, no entanto, não conclui seu discurso à maneira de uma carta. Ele não conclui com planos de viagem, cumprimentos finais ou pedidos de despedida, mas sim com uma doxologia, um encerramento apropriado dado o provável cenário de sua carta, ou seja, sua leitura em voz alta para a congregação reunida durante um culto.

Judas nos lembra que, embora muitos achem preferível pensar sobre o centro da fé e da prática cristã que nos une, também existem limites além dos quais se encontram práticas não cristãs e a negação das convicções cristãs sobre Deus, a graça de Deus e o senhorio de Cristo. Paulo, da mesma forma, demonstrou preocupação em defender espaços onde os cristãos tivessem liberdade para uma variedade de práticas, ao mesmo tempo em que se preocupava em manter e alertar contra a ultrapassagem dos limites além dos quais a prática não era mais digna do Senhor, nem plenamente agradável a Ele. Chegamos aqui à tensão entre o impulso progressista de pessoas com uma certeza renovada de que são pessoalmente guiadas pelo espírito de Deus e a essência conservadora da religião revelada, comprometida com a fé entregue de uma vez por todas, isto é, decisivamente aos santos em algum momento do passado, uma essência que, em virtude de seu caráter apostólico, consideramos ser nutrida e delimitada pelas escrituras canônicas.

Outro tema essencial que Judas anuncia diz respeito à trajetória que Deus pretende que o Seu favor nos impulse. Os intrusos interpretam radicalmente mal a graça de Deus como uma licença para satisfazer os desejos da carne sem medo de julgamento, em vez de uma oportunidade e poder para viver além do poder dos desejos da carne. Judas contrapõe isso insistindo que a graça de Deus visa colocar as pessoas em uma trajetória rumo à irrepreensibilidade no dia da visita de Deus, para que encontrem misericórdia e não tenham motivo para vergonha ao se apresentarem diante da glória de Deus.

Judas inicia seu argumento contra os intrusos considerando uma série de exemplos históricos que fornecem uma estrutura para pensar sobre suas ações, suas atitudes e seu provável fim. Judas diria: seu fim garantido. Exemplos históricos foram importantes para a arte da persuasão de várias maneiras.

Ao aconselhar as pessoas a seguir ou evitar um determinado curso de ação no futuro, provavelmente se daria alguns exemplos históricos para mostrar as consequências de cursos

de ação semelhantes tomados no passado, independentemente de o fim ter sido bom ou ruim, honroso ou vergonhoso. Ao elogiar ou censurar alguma figura, os oradores frequentemente a comparavam a pessoas do passado. Pontos de semelhança com figuras louváveis forneceriam motivos para considerar a pessoa que foi o tema do discurso também louvável.

Pontos de semelhança com pessoas conhecidas e de má reputação também justificariam considerar o assunto da fala como vergonhoso. Judas fornece uma série de exemplos nos versículos 5 a 7 que demonstram os tipos de ações e atitudes que provocam a condenação de Deus, além de relembrar a natureza dramática dessa condenação. Ele os aplica, então, aos intrusos, que, segundo ele, exibem vários dos mesmos traços e práticas daqueles que historicamente vivenciaram a condenação de Deus.

Ele então apresenta um terceiro exemplo no versículo 9, que, por contraste, reflete mal o comportamento dos intrusos. A estrutura destaca o interesse de Judas aqui não apenas em relembrar a história sagrada, mas em lançar uma luz interpretativa sobre os intrusos e ajudar seus ouvintes a fazer as conexões necessárias entre as lições da história e o momento presente. Nos versículos 5 a 7, ele fornece os exemplos da geração do Êxodo, dos anjos rebeldes e dos habitantes de Sodoma e suas cidades vizinhas.

Então, no versículo 8, ele faz uma declaração relacionando esse material a essas pessoas, os intrusos. Então, no versículo 9, ele apresenta outro exemplo, o do anjo Miguel disputando com Satanás. E então, no versículo 10, ele novamente relaciona esse exemplo a essas pessoas, ou seja, os intrusos.

Judas é cuidadoso, tanto no versículo 5 quanto posteriormente nos versículos 17 e 18, em enfatizar que o material que apresenta não é novidade. Pelo contrário, faz parte da herança e da instrução que seu público já havia adotado como uma visão confiável das ações de Deus no mundo e o caminho para se apresentarem irrepreensíveis diante de Deus no dia da visita divina em julgamento. Em certo sentido, eles já sabiam o que Judas estava trazendo para a situação deles.

Judas está apenas fazendo as conexões necessárias para que eles apliquem esse conhecimento com vantagem. Judas primeiro leva seus ouvintes aos eventos fatídicos de Números 13 a 14, no versículo 5. A geração de hebreus que havia sido dramaticamente libertada da escravidão no Egito em meio a pragas e maravilhas, e para quem Deus havia milagrosamente fornecido água e alimento por dois anos no deserto, agora está às portas da terra que este mesmo Deus havia prometido entregar a eles. Ali, às portas, o povo decide um plano.

Eles enviarão espiões à terra, um de cada uma das 12 tribos. Esses espiões são enviados e retornam com seus relatórios. Dez deles relatam que os habitantes da terra são enormes e poderosos, e a cidade é tão bem fortificada que não há absolutamente nenhuma chance de os hebreus conseguirem invadir e tomar o poder.

Dois dos espiões, Josué e Calebe, dão um relato bem diferente. Dizem que a terra é linda, seus produtos são abundantes e que Deus pode entregá-la em nossas mãos. O povo acredita no relato da maioria.

Eles se voltam contra Moisés e Arão e chegam a acusar Deus de tê-los levado ao deserto para matá-los. Eles planejam retornar ao Egito sob nova liderança e firmar um acordo com o Faraó para retornar à sua antiga condição, onde, mesmo oprimidos, poderiam sobreviver. A resposta de Deus foi a ira diante da provocação que a geração do Êxodo lhe havia feito.

Eles haviam presenciado a provisão de Deus por anos. Viram o que Deus havia feito aos egípcios, culminando na libertação milagrosa no Mar Vermelho. Como poderiam agora acreditar que Deus era incapaz de cumprir Suas promessas? Mas, pior ainda, como poderiam acreditar que Deus estava agindo maliciosamente para levá-los ao deserto e matá-los? E assim, em resposta a essa flagrante afronta ao poder de Deus e à Sua graciosa bondade para com o povo, Deus diz que o que eles temiam lhes sobrevirá.

Todo hebreu que rejeitasse a promessa de Deus, acreditasse no relato da maioria dos espiões e desconfiasse do Todo-Poderoso, de fato, morreria no deserto. E assim a geração do Êxodo foi condenada a mais 38 anos de peregrinação, até que o último adulto que se encontrava às margens de Canaã naquele dia fatídico morresse. O autor de Hebreus também se baseia neste episódio, com muito mais detalhes, com o mesmo objetivo, ou seja, enfatizar a importância de continuar em obediência e fidelidade para continuar a experimentar a libertação de Deus até o fim.

No versículo 6, Judas remonta ainda mais ao passado, à história dos anjos que olharam com desejo para as fêmeas humanas e se acasalaram com elas, produzindo uma raça de gigantes. O breve episódio encontrado em Gênesis 6, versículos 1 a 4, foi objeto de significativa expansão e interpretação nos séculos III e II a.C., como atestam 1 Enoque, capítulos 6 a 22, e Jubileus, capítulo 5. De acordo com a versão mais completa da história em 1 Enoque, esses anjos de fato se rebelaram contra a ordem criada por Deus e transgrediram os importantes limites estabelecidos para eles como seres imortais estacionados nos céus para copular com fêmeas humanas mortais.

Eles geram uma raça de gigantes que devastam a população humana da Terra com sua violência e fome insaciável. Ao mesmo tempo, esses anjos rebeldes ensinam todos os tipos de artes nocivas e proibidas à humanidade. Eles ensinam a arte de minerar metais da terra para que, por um lado, as pessoas possam descobrir prata e ouro e, assim, também descobrir a cobiça e a ganância, e as pessoas possam aprender a forjar ferramentas e, mais importante, armas, e assim sua capacidade de prejudicar uns aos outros aumente exponencialmente.

Os anjos ensinam às fêmeas humanas a arte da cosmética e do embelezamento da aparência para que possam despertar mais facilmente o desejo de seus futuros parceiros. Deus intervém na situação devido ao caos que se instalou em sua Terra. Ele mata os gigantes que nasceram dos anjos e de suas companheiras, e os espíritos mortos dos gigantes se tornam os demônios que continuam a atormentar a humanidade.

Os próprios anjos estão acorrentados e trancados nas cavernas profundas da terra, cobertos por pedras e selados na escuridão para o dia em que Deus julgará todas as criaturas. Esta é a história que Judas presume ao avançar em sua carta. Judas se lembrará particularmente do detalhe, não encontrado em Gênesis 6, de que esses anjos foram punidos sendo

acorrentados em cavernas escuras sob a superfície da terra para aguardar o julgamento de Deus no último dia.

Existe a possibilidade de que o desenvolvimento da história de Gênesis 6:1 a 4 tenha sido influenciado pelo mito grego da revolta dos Titãs contra os deuses e pelo castigo que os Titãs sofreram, semelhante a serem acorrentados nas cavernas profundas da Terra. Autores judeus tendiam a recorrer a esse episódio, em vez da história das transgressões de Adão e Eva, como uma explicação para a desordem maligna e caótica na esfera humana, sendo Paulo e o autor de Esdras 4 exceções notáveis a essa regra mais geral. Judas usa o episódio de maneira semelhante a vários outros autores judeus que invocam esse mesmo exemplo histórico.

Aqueles que cruzam os limites traçados por Deus sofrem um fim ruim. No versículo 7, Judas relembra o destino de Sodoma, Gomorra e suas cidades irmãs, um exemplo negativo popular na literatura judaica devido à natureza única de seu destino: sofrerem a chuva de fogo do céu sobre elas, bem como o caráter sulfúrico e esfumaçado que o território supostamente continuaria a ter por mais de um milênio. Judas censura os habitantes de Sodoma por cometerem fornicção e buscarem um tipo diferente de carne.

Este é o mesmo tipo de linguagem que Paulo usa para contrastar o corpo físico com o corpo ressurreto em 1 Coríntios 15, versículos 39 e 40. Isso sugere que Judas considera o pecado de Sodoma não como uma prática homossexual, mas o desejo específico de estuprar os mensageiros angélicos, uma espécie de contrapartida ao pecado dos anjos em Gênesis 6, 1 a 4, e 1 Enoque, capítulos 6 a 22, em relação ao qual Judas diz que os homens de Sodoma estavam, abre aspas, pecando da mesma maneira. Novamente, o foco de Judas parece estar nas consequências sombrias de transgredir os limites ordenados por Deus para a vida e a prática, algo que ele alega que os intrusos tanto fazem quanto incentivam.

Podemos observar que esse trio específico de exemplos também aparece na sabedoria de Ben Sira, capítulo 16, versículos 7 a 10, e com a substituição da rebelião da geração do Êxodo pela arrogância do Faraó em 3 Macabeus, capítulo 2, versículos 4 a 7, sugerindo que essas histórias eram comumente utilizadas para fins morais. Judas então situa os intrusos firmemente nessa linha da tradição. Da mesma forma, essas pessoas também, enquanto sonham, poluem a carne e rejeitam a autoridade e difamam as glórias.

O detalhe de que esses mestres sonham se destaca porque isso não é uma característica de nenhum dos exemplos que Judas acabou de relatar. Portanto, há uma grande chance de refletir uma prática observável e característica dos próprios intrusos. Como já exploramos, a igreja primitiva testemunhou uma explosão de expressões carismáticas de inspiração espiritual, muitas delas genuínas, algumas delas bastante hipócritas.

Os intrusos parecem ter legitimado sua prática e ensino reivindicando, e talvez até mesmo encenando, experiências carismáticas como sua fonte. Judas também usa uma palavra aqui, *enhypneia*, que aparece repetidamente na versão grega de Deuteronômio 13, versículos 1 a 5. Provavelmente não é acidental que Judas use um verbo associado a falsos profetas na advertência de Deuteronômio contra eles na caracterização que faz da atividade dos intrusos contra os quais Judas está alertando. A linguagem de Judas neste versículo é altamente alusiva.

Poluir a carne é bastante claro, referindo-se à autoindulgência dos intrusos com claras conotações sexuais. Deixar de lado o senhorio, ou talvez, desculpe, deixar de lado a autoridade, ou talvez negar o senhorio, provavelmente se referia à promoção da liberdade cristã pelos intrusos em direções que se movem para o território da licenciosidade e da libertinagem. Paulo também teve que tomar cuidado para que seus convertidos não interpretassem mal a liberdade cristã como uma oportunidade para abrir espaço para a licenciosidade e a autoindulgência.

Glórias caluniosas, glórias que provavelmente serão ouvidas aqui como uma referência a uma ordem de anjos ou a anjos em geral, são as menos claras. Dadas as conexões dos anjos no primeiro século, tanto com a promulgação da lei quanto com o juízo final, Judas pode estar enfatizando o senso de liberdade dos intrusos em relação às restrições morais da tradição judaica e cristã compartilhada. No entanto, assim como a veneração de anjos podia ser um problema na igreja primitiva, como em Colossos, agir como se alguém tivesse autoridade sobre seres espirituais devido ao próprio conhecimento ou poder espiritual também era comum, sendo este o fundamento para a maioria das práticas mágicas, bem como exorcismos no mundo antigo, bem como um meio pelo qual charlatões atacavam seu público.

Pense em Simão, o Mágico, entre os samaritanos, em Atos, capítulo 8. Podemos imaginar os intrusos reforçando sua autoridade espiritual como guias morais para a congregação com palavras ousadas ditas sobre ou mesmo para seres espirituais, um fenômeno não desconhecido nas expressões mais exageradas da espiritualidade carismática atual. Que esta última possibilidade seja uma forte possibilidade é sugerido pelo contraexemplo que Judas fornece no versículo 9. Mas Miguel, o arcanjo, quando conversava em disputa com o acusador a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar um julgamento injurioso, mas disse, em vez disso: Que o Senhor te repreenda. Aqui, a referência de Judas a uma história conhecida por ele, mas perdida para nós, nos lembra da estranheza da carta e, de maneiras muito reais, a torna menos acessível a nós.

Não sobreviveu nenhuma fonte escrita do período do Segundo Templo que pudesse lançar luz sobre a história à qual Judas se refere no versículo 9. Temos os capítulos iniciais de uma obra conhecida como O Testamento de Moisés, mas ela não contém o final. É provável que a obra terminasse com algum episódio narrando a morte e talvez o sepultamento de Moisés, mas esse conteúdo se perdeu.

Acredita-se que outra obra conhecida pelo título "A Assunção de Moisés" tenha existido, mas nenhuma parte dela, além de alguns trechos breves e irrelevantes preservados na literatura posterior, sobreviveu. Acredita-se, em geral, que o episódio ao qual Judas se refere tenha se desenrolado da seguinte forma. Lemos em Deuteronômio 34 que Moisés morreu e foi sepultado, mas ninguém sabe a localização desse local de sepultamento.

Como isso poderia ser possível? Desenvolveu-se uma lenda de que Moisés foi sepultado não por seres humanos que pudessem relatar informações, como a localização de seu cemitério, mas pelos próprios anjos, que manteriam o local oculto aos seres humanos. Isso foi expandido para incluir uma disputa sobre quem tinha a reivindicação mais adequada a Moisés: o representante de Deus, Miguel, sob a alegação de que Moisés era servo de Deus, ou Satanás, sob a alegação de que Moisés havia sido um assassino. Na história conhecida

por Judas, a reivindicação de Miguel prevaleceu, é claro, mas Miguel demonstrou a devida contenção ao lidar com um semelhante angelical, não importando o quão caído estivesse, ao não repreender Satanás por sua própria autoridade, mas encaminhando o assunto a Deus.

As palavras atribuídas aqui a Miguel, "O Senhor te repreenda", são, na verdade, conhecidas de um episódio bíblico mais antigo. De fato, trata-se de mais um debate entre o diabo e um anjo a respeito de um ser humano. Em Zacarias 3:1-6, Satanás apresenta acusações contra o sumo sacerdote Josué, que, juntamente com Zorobabel, é um dos dois instrumentos escolhidos por Deus para a restauração de Judá após seu exílio na Babilônia.

O anjo do Senhor repreende Satanás com estas mesmas palavras: "O Senhor te repreenda", enquanto Josué é declarado santo aos olhos de Deus, fato figurativamente demonstrado quando suas roupas sujas são removidas, vestes brancas e limpas são colocadas ao seu redor e o turbante do sumo sacerdócio é colocado em sua cabeça. Se nos sentimos um pouco alienados de Judas neste ponto, estamos em boa companhia. No início do século VIII, o venerável Beda recorreu à alegorização do corpo de Moisés como o povo de Israel, na tentativa de dar sentido à história.

Outro antigo intérprete anônimo atribuiu a história à transfiguração de Cristo, com Satanás e Miguel discutindo sobre a conveniência de Moisés aparecer no Monte Tabor, isto é, na terra prometida onde Deus havia proibido Moisés de entrar. O autor de 2 Pedro, que, segundo todos os relatos, parece ter incorporado grande parte da carta de Judas em sua própria advertência contra intrusos de outro tipo, omitiu completamente a referência a essa história, substituindo-a por um episódio mais conhecido das escrituras judaicas. Judas traz esses exemplos mais uma vez para os intrusos no versículo 10.

Mas essas pessoas caluniam tudo o que não compreendem. Mas as coisas que compreendem naturalmente, como animais irracionais, são corrompidas por essas coisas. Em uma crítica astuta, Judas afirma que as pretensões carismáticas dos intrusos surgem de sua falta de conhecimento espiritual genuíno, enquanto suas práticas sensuais surgem do tipo de conhecimento que os seres humanos compartilham com os animais que carecem de faculdades racionais, o conhecimento que advém de desejos e instintos.

O fim deles, no entanto, é precisamente o que Paulo afirmaria estar no fim do caminho de semear na carne a corrupção e a decadência que culminam no apodrecimento na sepultura. Mais uma vez, Judas oferece uma palavra oportuna aos cristãos de todas as épocas, particularmente na nossa, na qual muitos professam ter maior discernimento do que os próprios escritores das Escrituras sobre a liberdade que os cristãos possuem e devem ter permissão para exercer, bem como sobre a obsolescência do que os cristãos há muito consideram limites divinamente traçados. Judas nos adverte que, em nossas tentativas de desfrutar o que acreditamos ser necessário para uma vida humana plena, podemos, no final, nos tornar menos que humanos, mais como os animais irracionais para os quais os desejos naturais são os principais motivadores da tomada de decisões.

Podemos também, ao rejeitar a autoridade da tradição apostólica para estabelecer as barreiras para nossas próprias vidas, privar-nos de facetas importantes da cura divina para nossa condição, a saber, nossa vulnerabilidade às paixões da carne que, em última análise,

levam à corrupção e à decadência. Vou fazer uma pequena observação aqui e me concentrar em algo que muitos leigos talvez não conheçam: o trabalho complexo da crítica textual e do discernimento da formulação original mais provável de nossos escritos do Novo Testamento. Não possuímos os autógrafos originais do primeiro século de nenhum dos escritos do Novo Testamento.

O que possuímos são literalmente milhares de manuscritos do Novo Testamento que representam cópias de cópias de cópias da escrita original. A redação dos muitos manuscritos que chegaram até nós difere em muitos pontos. Raramente de maneiras que afetam significativamente o significado, mas às vezes de maneiras que afetam.

Por que existem variações na redação de qualquer versículo do Novo Testamento, o que chamamos de variantes textuais, entre esses muitos manuscritos? Essas variantes são o resultado da atividade dos próprios copistas, os escribas encarregados de produzir novas cópias de cada texto do Novo Testamento e, eventualmente, do Novo Testamento como um todo. Algumas das variações na redação são resultado de mudanças acidentais. Outras são resultado de mudanças intencionais.

Ao copiar um manuscrito, seja para substituir um manuscrito desgastado ou para fazer uma cópia para outra congregação, um escriba inevitavelmente cometia erros acidentais, principalmente truques visuais. O escriba cometia erros de ortografia, confundia letras semelhantes ou trocava letras em uma palavra ou palavras em uma frase. À medida que os olhos do escriba se movem do original para a cópia e vice-versa, eles podem não parar exatamente no mesmo lugar.

Eles podiam avançar ou retroceder no original para outra palavra que começasse ou terminasse com as mesmas letras que ele estava copiando, pulando palavras e frases ou duplicando palavras e frases. Em alguns casos, um único escriba podia ler um manuscrito em voz alta enquanto vários escribas escreviam o texto. Isso era considerado produção em massa.

Um escriba podia interpretar mal o texto enquanto ele era lido, especialmente à medida que as vogais e os ditongos gregos passaram a ser pronunciados cada vez mais parecidos. No entanto, nem todas as mudanças eram acidentais. Muitos escribas buscavam ser úteis fazendo correções intencionais no texto enquanto copiavam.

Um tipo muito comum de correção envolvia harmonizar a fraseologia de uma passagem com o que era conhecido ou lembrado de outra. Por exemplo, os escribas corrigiam citações do Antigo Testamento no Novo Testamento, ou harmonizavam Marcos ou Lucas com Mateus, que era o principal evangelho na igreja primitiva. Ou ainda, adaptavam uma expressão de uma carta paulina a uma expressão de outra.

Às vezes, um escriba que comparava dois ou mais manuscritos enquanto copiava harmonizava as variantes, fundindo as leituras em uma nova leitura. Os escribas também buscavam frequentemente aprimorar a gramática e o estilo do texto ou corrigir quaisquer erros ou discrepâncias percebidos. Às vezes, chegavam a fazer omissões, alterações ou inserções com motivação teológica, algumas das quais podem ter começado como notas marginais, sendo posteriormente copiadas como parte do próprio texto.

A existência de variantes textuais deu origem à disciplina da crítica textual, a reconstrução cuidadosa e crítica da redação original mais provável que melhor explique as muitas variantes. O crítico textual examina todas as variantes em um determinado ponto do texto e tenta discernir qual leitura é mais provavelmente a leitura original do texto, a leitura original do autor. Alguns manuscritos estão a muito menos gerações de cópias dos originais do que outros.

Manuscritos antigos importantes incluem três Bíblias completas ou quase completas dos séculos IV e V d.C.: Codex Sinaiticus, Codex Vaticanus, ambos do século IV, e Codex Alexandrinus do século V. Junto com estes, temos várias dezenas de cópias em papiro dos séculos III e IV de partes do Novo Testamento. Por exemplo, o papiro número 66 nos dá um códice das cartas de Paulo já de 200 d.C. Os críticos de texto frequentemente darão mais peso ao testemunho desses manuscritos antigos do que aos manuscritos posteriores, manuscritos dos séculos X, XI e XII, uma vez que estes são muito mais próximos da época dos próprios escritores do Novo Testamento.

Da mesma forma, os críticos textuais tendem a priorizar leituras mais curtas, pois os copistas tendiam a expandir o texto adicionando glosas ou harmonizações. Eles tendem a priorizar as leituras mais problemáticas, pois os copistas tendiam a suavizar as dificuldades do texto em vez de criá-las. E também tendem a priorizar leituras específicas que desfrutaram de uma atestação geográfica mais ampla.

Por exemplo, aparecendo em manuscritos que temos do Egito, da Palestina e da Grécia, uma leitura desses três locais pode, portanto, ter maior peso do que uma leitura que venha apenas de, digamos, manuscritos italianos ou manuscritos ocidentais. O versículo 5 de Judas apresenta o primeiro de dois grandes desafios de crítica textual neste breve documento. Apresentarei as variantes apenas em conexão com os manuscritos mais antigos em que aparecem.

Há duas questões principais quanto à formulação que encontramos em Judas 5 em vários desses manuscritos. A primeira diz respeito ao uso, pelo autor, do advérbio grego "hapax", que traduzimos de uma vez por todas ou decisivamente. O autor usa "hapax" para descrever a internalização, por seu público, do conhecimento cristão que lhes foi transmitido por meio da pregação dos apóstolos? Ou ele usa a palavra "hapax" para contrastar o que aconteceu primeiro com a geração do Êxodo com o que aconteceu depois, em segundo lugar, após sua falha em fidelidade e obediência? A segunda diz respeito a quem o autor credita a libertação da geração do Êxodo do Egito: ao Senhor, a Deus ou a Cristo.

Se comparássemos lado a lado algumas das nossas primeiras testemunhas com o texto de Judas versículo 5, descobriríamos as seguintes variações. Agora, quero lembrá-los: todas elas começam assim. O Codex Sinaiticus, do século IV, continua.

Quero lembrar a vocês, que chegaram a conhecer todas as coisas, que o Senhor, depois de libertar um povo da terra do Egito de uma vez por todas, destruiu pela segunda vez aqueles que não demonstraram confiança. No mesmo lugar, tanto o Codex Vaticanus quanto o Codex Alexandrinus dizem: Quero lembrar a vocês, que chegaram a conhecer todas as

coisas de uma vez por todas, que Jesus, depois de libertar um povo da terra do Egito,... E há um papiro do final do século III ou início do século IV, o papiro 72, que seria lido assim:

Agora, quero lembrar a vocês, que conheceram todas as coisas de uma vez por todas, que Deus Cristo, depois de libertar um povo da terra do Egito, destruiu pela segunda vez aqueles que não demonstraram confiança. Para responder à segunda pergunta, a quem é creditado a saída dos hebreus do Egito? Ao Senhor? Jesus? Deus Cristo? Jesus tem forte apoio aqui em Alexandrino e Vaticano, bem como em várias traduções antigas, como o latim antigo, o copta e o etíope. Essas traduções nos mostram que essa leitura já existia e era difundida no final do segundo e início do terceiro século.

Isso também confere à variante o suporte de ampla atestação regional. Pode-se argumentar que também é uma leitura mais problemática, de modo que os escribas poderiam ser tentados a trazer alguma resolução por meio de uma pequena alteração. Por exemplo, de Jesus, geralmente usado apenas para o filho encarnado, para Cristo, que poderia ser usado para o filho pré-encarnado, ou mesmo o mais ambíguo Senhor, que poderia sinalizar Deus Pai, historicamente o agente mais bem atestado do Êxodo.

Por outro lado, Judas não usa o nome Jesus em nenhuma outra parte desta breve carta, exceto o título honorífico Cristo, o Messias, o que pode sugerir que Jesus representa a intrusão de um escriba no texto. De fato, se o original de Judas fosse Senhor, as outras variantes poderiam ser explicadas como tentativas de esclarecer melhor a quem Judas se referia com esse título ambíguo. Em última análise, não é possível ter certeza.

O que fica claro é que alguns escribas, no mínimo, pensavam dessa forma, atribuindo ao Jesus pré-encarnado um papel na história anterior da salvação do povo de Deus, assim como o autor de Hebreus e o autor do quarto evangelho consideravam o filho pré-encarnado ativo nos eventos de Gênesis, isto é, na criação, e assim como Paulo falou da atuação de Cristo na provisão divina para a geração do Êxodo no deserto, quando nomeou a rocha portadora de água de Cristo em 1 Coríntios 10.4. A incerteza do testemunho textual, contudo, deve nos levar a permanecer hesitantes em quaisquer conclusões teológicas que possamos tirar com base no contexto de Judas 5. Em relação à outra questão, o uso de hapax em conexão com a iluminação do destinatário na fé parece ser a leitura mais forte. Ela conta com o apoio do Papiro 72 do início do século III, do Códice Vaticano do século IV, do Códice Alexandrino do século V e do escriba que forneceu correções ao Códice Sinaítico vários séculos depois. Isso é coerente com outras expressões do Novo Testamento a respeito do caráter decisivo e suficiente da fundamentação de uma comunidade cristã no conhecimento revelado da pregação apostólica, como por exemplo em Hebreus 6.4. Há também o contexto de exortar uma congregação a permanecer firme na trajetória em que suas experiências anteriores de fé e do espírito a haviam estabelecido.

Conectar hapax à experiência de libertação dos hebreus parece ser uma correção estilística, marcando um claro contraste entre sua experiência anterior de libertação, hapax, e a sequência, 2 Deuteron, na qual eles falharam em alcançar as promessas de Deus no final por causa de sua desobediência. Detive-me longamente nessa questão porque considero muito importante para todos os que trabalham intimamente com o texto do Novo Testamento terem alguma ideia das complexidades da tarefa de crítica textual que está por trás do texto que lemos, e reconhecer que existem, de fato, algumas passagens nas quais ficamos em

dúvida quanto à formulação exata de nossos originais perdidos. Nos versículos 11 a 15 de Judas, Judas continua a apelar à tradição que ele e seu público compartilham, ao adverti-los contra seguir o exemplo dos intrusos e unir-se a eles em seus termos, visto que sua prática continua a colocá-los sob o julgamento de Deus, como demonstram tanto os exemplos bíblicos quanto os textos paraescriturísticos.

Um dos recursos aos quais Judas continua a se basear é 1 Enoque. Judas havia se referido à história dos anjos rebeldes e seu destino, mais conhecida pela expansão de Gênesis 6:1 a 4 em 1 Enoque do que pela própria história bíblica em Judas versículo 6. Nesta próxima seção, Judas se baseará diretamente no texto de 1 Enoque como um pronunciamento autoritário do julgamento de Deus sobre os ímpios. Leitores modernos de Judas, assim como alguns dos leitores de Judas nos períodos patrístico e pós-niceno, podem não estar familiarizados com 1 Enoque ou podem desconfiar de uma obra pseudônima, e por isso pode ser útil analisar 1 Enoque mais de perto.

O livro em si cresceu em etapas ao longo de pelo menos dois séculos, sugerindo um fluxo contínuo e constante de influência e conscientização, de tal forma que judeus piedosos continuaram a retornar a este livro, a escrever mais material em sua tradição e a juntar seu material a ele para garantir sua preservação. Os núcleos mais antigos de 1 Enoque datam do final do século III ou início do século II a.C. Estes seriam o Apocalipse das Semanas em 1 Enoque 91 e 93 e o Livro dos Vigilantes, 1 Enoque 6 a 36.

Foi à história do Livro dos Vigilantes que Judas já se referiu no versículo 6. Os anjos que não mantiveram sua posição, mas abandonaram sua morada própria, são mantidos em cadeias eternas na mais profunda escuridão para o julgamento do grande dia. Com isso, podemos comparar 1 Enoque 10.4 e 10.13. Amarrem Azazel pelas mãos e pelos pés e joguem-no na escuridão. Amarrem-nos por 70 gerações sob as rochas da terra até o dia do seu julgamento.

E, novamente, de forma mais abrangente para toda a hoste de anjos rebeldes, este lugar é a prisão dos anjos, e lá eles serão mantidos para sempre. É a mesma história que Judas se refere aqui no versículo 13, quando rotula os intrusos, citando-os como estrelas errantes para as quais a mais profunda escuridão foi reservada para sempre. Novamente, encontramos em 1 Enoque 18 que esta é a prisão para as estrelas e os poderes do céu.

E em 1 Enoque 26, estas estão entre as estrelas do céu que transgrediram os mandamentos do Senhor e estão presas neste lugar até a conclusão de 10.000 eras. Há uma série de outras camadas em 1 Enoque, conforme nos foi transmitido. O livro dos luminares celestiais, 1 Enoque 72-82, é uma explicação detalhada do nascer e do pôr do sol e da lua através de seus vários portais no horizonte e como isso se relaciona com a observância calendárica do ano litúrgico judaico.

Esta seção pode ser um resumo de um livro astronômico original muito mais extenso, anterior a todas as seções de 1 Enoque. O calendário solar estabelece um ano de 12 meses divididos em 364 dias. O calendário lunar divide os mesmos 12 meses em 354 dias e adiciona um mês extra a cada três anos para compensar a diferença.

Assim, as festas anuais designadas sobre as quais lemos na Torá e na Lei de Moisés, que começam em um dia específico de um mês específico – Páscoa, Pentecostes, Sucot, Ano

Novo e Dia da Expição – caíam todas em dias diferentes, dependendo do calendário seguido. As autoridades do Templo de Jerusalém, nos séculos II e I a.C., seguiam o calendário lunar. A comunidade sectária de Qumran, no entanto, seguia o calendário solar e criticava duramente as autoridades do templo por seguirem a luz menor, a lua, em vez da luz maior, o sol, para calcular os tempos apropriados para as festas e eventos semelhantes.

Os sectários de Qumran alegaram que isso levou as autoridades do templo a violar a aliança por não estarem observando as festas nos dias apropriados. 1 Enoque possui várias outras camadas. O Livro das Visões dos Sonhos consiste em 1 Enoque 83-90.

Trata-se de um longo apocalipse animal, uma espécie de alegoria profética do curso da história desde Adão até a vinda do reino de Deus, provavelmente escrita durante o período dos Macabeus, em meados do século II a.C. Encontramos também a Carta de Enoque, 1 Enoque 91-107, que incorpora o apocalipse anterior, de semanas. E esta carta é composta em grande parte por instruções éticas.

Por fim, há a seção conhecida como Parábolas de Enoque, atualmente capítulos 37 a 71 em 1 Enoque. Não está claro se foi composta durante o século I a.C. ou o século I d.C. Se foi durante o século I a.C., torna-se particularmente interessante, pois fala do Filho do Homem como uma figura do fim dos tempos que terá um papel no julgamento de Deus sobre as nações e na libertação do Seu povo.

Filho do Homem, é claro, é a maneira favorita de Jesus se referir a si mesmo, aos seus papéis presentes e futuros na economia de Deus. Todas as partes do 1º Enoque foram atestadas entre os Manuscritos do Mar Morto, com exceção das Parábolas de Enoque, atestando a importância deste livro para as comunidades sectárias representadas por essa coleção. Isso também levanta a questão de por que as parábolas não são representadas.

Teriam sido eles de fato compostos tarde demais para terem se enraizado em uma comunidade que seria destruída em 68 d.C. ? De qualquer forma, o próprio Judas claramente circulava em círculos na Palestina que valorizavam este livro parabólico , particularmente o Livro dos Vigilantes, que abre a coleção conhecida como 1º Enoque. No versículo 11, Judas relembra mais três exemplos da herança bíblica como uma estrutura para refletir sobre o caráter e a prática dos intrusos. Ai deles, porque andaram no caminho de Caim, abandonaram-se ao herdeiro de Balaão em busca de lucro e pereceram na rebelião de Corá.

A história do assassinato de Abel por Caim em Gênesis 4 é, obviamente, bastante familiar. Abundam as especulações hoje, como no período do Segundo Templo, sobre o motivo pelo qual Deus não aceitou a oferta de Caim. A única pista que Gênesis fornece, no entanto, permite uma conexão clara com os intrusos.

Deus desafiou Caim a dominar suas emoções em vez de ceder a elas. O Senhor disse a Caim: Por que estás irado e por que estás abatido ? Se fizeres o bem, não serás aceito? E se não fizeres o bem, o pecado está à porta; o seu desejo é contra ti, mas tu deves dominá-lo.

Judas já havia insinuado o compromisso dos intrusos em satisfazer, em vez de dominar, suas paixões nos versículos 4 e 8. Em breve, ele tornará essa acusação explícita nos versículos 12 e 13, e novamente nos versículos 16 a 18. O domínio das paixões não era, é claro, apenas

um lugar-comum na ética judaica greco-romana e helenística, mas também uma prioridade ética entre os primeiros líderes cristãos, para ninguém mais do que Paulo, como Gálatas 5, versículos 13 a 25, especialmente enfatiza. O próximo exemplo de Judas é o de Balaão, o profeta mercenário que Balaque, rei de Moabe, convocou para amaldiçoar o povo dos hebreus enquanto se aproximavam e passavam por sua terra a caminho de Canaã, em Números 22 a 24.

Balaão, é claro, foi impedido de cumprir sua tarefa quando sua jumenta o alertou sobre o anjo à sua frente na estrada. Balaão, no entanto, finalmente encontrou uma maneira de ganhar seu pagamento. Foi por sugestão dele que as mulheres moabitas seduzissem os homens hebreus e os levassem a se juntar à adoração aos deuses moabitas, a fim de dissolver as fronteiras ao redor de Israel e fundi-los aos povos indígenas.

Lemos sobre esse episódio em Números 25, mas sobre o envolvimento de Balaão especificamente em Números 31:16. Este parece ser o ponto de conexão com os intrusos que Judas tem em mente, pois ele acredita que eles promovem a sensualidade e, com ela, o apagamento dos limites da santidade que definiriam o povo de Deus em Cristo. E, como Balaão, o motivo final deles, afirma Judas, é extrair o máximo proveito da congregação ou congregações.

O terceiro exemplo nos leva à rebelião de Corá e seu clã contra a liderança de Moisés e Arão, um episódio relatado em Números 16. Corá se opôs à liderança de Moisés e Arão, alegando que todo o Israel era santo para o Senhor, e não Moisés e Arão em especial. O objetivo de Corá, é claro, era reivindicar maior autoridade para si e seu grupo, mas o fim deles foi serem dramaticamente engolidos por um terremoto enquanto o restante de Israel se apressava para se distanciar do grupo de Corá.

Este último é precisamente o que Judas espera que seu público faça em relação aos intrusos em termos de ideologia e prática, pelo menos porque os intrusos também estão sob o julgamento iminente de Deus. O ponto de conexão mais claro parece ser a alegação de Corá de desfrutar da proximidade de Deus e, com base nisso, buscar anular a autoridade de Moisés. De forma semelhante, os intrusos fingem ter acesso a Deus e aos decretos permissivos de Deus por meio de sua atividade carismática e profética, com o mesmo objetivo de anular a autoridade vinculativa do ensinamento e da tradição apostólica referentes à vida cristã.

Essas comparações com figuras da história sagrada são seguidas por uma enxurrada de comparações com imagens da natureza e da indústria, embora a maioria delas também tenha fortes ressonâncias escriturais ou paraescriturais. Assim como as analogias históricas, as imagens da natureza não são nada lisonjeiras, mas bastante reveladoras. Essas pessoas são recifes ocultos em seus festejos de amor, festejando irreverentemente ao seu lado, pastores cuidando de si mesmos, nuvens áridas sendo levadas pelo vento, árvores que não dão frutos nem no final do outono, arrancadas pela raiz, caminhos selvagens duas vezes mortos do mar agitando sua própria vergonha, estrelas errantes para as quais a escuridão da escuridão foi mantida em reserva para sempre.

Há alguma ambiguidade quanto à primeira dessas imagens. Judas chama os intrusos de manchas ou defeitos nas festas de amor da congregação, ou os chama de recifes

escondidos? Este último parece ser o sentido mais comum de "spilades", e o autor de Segunda Pedro escolherá uma palavra diferente para deixar clara sua própria preferência por defeitos ou defeitos. A imagem de recifes escondidos ou rochas escondidas é particularmente pungente em um mundo onde naufrágios são uma ocorrência bastante comum.

Considere a experiência do próprio Paulo com pelo menos três naufrágios antes daquele que o levou a Malta. Tal imagem destacaria o perigo que os intrusos representam para o público de Judas. A presença deles ameaça o naufrágio da fé dos membros da congregação que não os consideram com grande circunspeção e, portanto, os evitam.

Judas sugere que os intrusos seguem a linha dos pastores de Israel de Ezequiel, aqueles que se apresentam como líderes, mas negligenciam seu dever para com seus protegidos, buscando apenas seus próprios interesses e lucros. O interesse dos intrusos pela autoindulgência no contexto da festa do amor cristão — uma refeição sagrada que celebra o amor de Deus e a família que o amor de Deus uniu — demonstra sua irreverência essencial — sua falta de consideração pelos bens superiores que a refeição da comunhão cristã celebrava e, ao mesmo tempo, buscava disponibilizar para a experiência da congregação em conjunto. A próxima imagem vem da tradição escritural, ressoando particularmente com a tradição do texto hebraico, em vez de subjugar, onde o impacto dessas imagens se perde verdadeiramente na tradução.

Nuvens sem água sendo levadas pelo vento lembram a imagem de nuvens e ventos sem chuva em Provérbios 25-14 usada ali para falar de pessoas que se gabam de benefícios que nunca concederam ou ajuda que nunca realmente ofereceram, inflando sua própria reputação falsamente, assim como nuvens sem água em um dia ventoso, os intrusos também estão cheios de ar e fanfarronice com a intenção de inflar sua própria reputação, mas não oferecem nada nutritivo ou útil. A próxima imagem reforça isso, pois as árvores deveriam estar pesadas com seus frutos no outono, mas esses intrusos não têm frutos para oferecer e, na verdade, eles próprios não têm raízes cravadas no alimento espiritual que Deus fornece e, portanto, estão mortos, muito menos capazes de dar vida aos outros. É possível que Judas tenha desenvolvido sua imagem de árvores dando frutos, árvores que não dão frutos, mesmo no final do outono, arrancadas duas vezes, mortas, como uma antítese à imagem do salmista da pessoa justa que é como uma árvore plantada perto de correntes de águas, que dá seu fruto na estação e cujas folhas não murcham.

Israel, Isaías comparou os ímpios ao mar agitado, que não pode sossegar, cujas ondas lançam de si lama e lodo. Assim, Judas afirma que as práticas autoindulgentes desses intrusos trazem à tona o lodo de sua própria degradação. Por fim, Judas retorna à imagem das estrelas cuja inconstância trouxe sobre elas o julgamento de Deus.

Por um lado, Judas se refere aqui aos planetas — os planetas — que se movem pelos céus em trajetórias irregulares, incapazes de funcionar como pontos de navegação confiáveis devido à sua própria irregularidade. Esta é, naturalmente, outra imagem apropriada para invocar quando se luta contra a influência de mestres cuja mensagem e exemplo desviarão aqueles que traçam seu próprio curso por eles. Por outro lado, Judas também retorna à história do Primeiro Enoque e dos anjos rebeldes, também mencionados no decorrer do

Primeiro Enoque, capítulos 6 a 26, como estrelas caídas cuja falha em honrar a ordem e os limites de Deus levou à sua punição nas prisões escuras das cavernas da Terra.

As renovadas alusões ao Primeiro Enoque abriram caminho para a recitação desse texto por Judas como um testemunho da certeza do julgamento de Deus e como um aviso de que os intrusos e todos os que seguem seu caminho estão, com certeza, sob a sentença de Deus. Foi também sobre estes que Enoque, na sétima geração de Adão, profetizou dizendo: "Vejam, o Senhor veio com dez mil dos seus santos para executar julgamento sobre todos e para convencer a todos de todas as obras de impiedade que cometeram de forma tão ímpia e de todas as coisas duras que pecadores ímpios disseram contra ele". O original em Primeiro Enoque 1:9 a 10 diz: "E eis que ele vem com dez mil santos para executar julgamento sobre todos e destruir os ímpios e contender com toda a carne a respeito de tudo o que os pecadores e os ímpios fizeram e forjaram contra ele".

É um pouco estranho que Judas inicie a citação com "o Senhor veio" usando um verbo no passado em vez de "o Senhor vem", como no original. Isso poderia levar os ouvintes a pensar nos observadores e nos ímpios apanhados no dilúvio como os objetos da ira de Deus em sua vinda em julgamento, em um tempo que ainda era futuro do ponto de vista de Enoque, mas há muito passado do ponto de vista do público. A recitação teria então a força de invocar um precedente histórico, alertando os ouvintes de que a visita de julgamento de Deus sobre toda a impiedade é feroz e certa.

Judas, no entanto, funde os horizontes do passado de Enoque e o presente do público ao afirmar que Enoque proferiu essas palavras para ou sobre os próprios intrusos. Descrever esses intrusos também como estrelas errantes para as quais a escuridão da escuridão foi mantida em reserva para sempre facilita essa fusão dos horizontes. O destino dos observadores e dos ímpios arrastados pelo dilúvio é também o destino dos intrusos e de todos aqueles que persistem ou retornam a um modo de vida que não honra a Deus e Suas justas intenções para nossas vidas.

Desde o versículo 4, Judas vem construindo uma imagem de pessoas que usam as boas novas de Jesus Cristo e as comunidades dos seguidores de Cristo como meio de lucro para promover seus próprios interesses e garantir sua própria satisfação. Ele nos apresenta uma espécie de espelho no qual devemos esperar não nos ver, e devemos viver de maneira tão correta que não corramos o risco de nos vermos, ainda mais se estivermos em posição de liderança. Judas também continua a nos apresentar uma faceta do caráter e do compromisso de Deus que muitos no século XXI prefeririam esquecer, ignorar ou negar como ultrapassado: o compromisso de um Deus justo e santo de responsabilizar suas criaturas pela honra e obediência que lhe devem, pela reverência e piedade que devem caracterizar adequadamente a vida daqueles que vivem somente pela bondade e favor de Deus.

Ao fazê-lo, Judas simplesmente se mostra fiel aos ensinamentos de seu meio-irmão e Senhor Jesus, que também proclamou Deus como aquele que separaria os justos dos ímpios, os insensíveis dos compassivos, aqueles que honraram o Deus Santo com santidade de coração e vida daqueles que viveram para seus próprios prazeres e propósitos. Ao mesmo tempo, Judas mantém seus ouvintes cientes de que são amados não apenas por Judas, que os chama assim em diversas ocasiões, mas ainda mais por Deus, em quem são

amados, como ele descreveu na saudação inicial, e em cujo amor são exortados a se manterem no versículo 21. Mas eles fazem isso caminhando em santidade, preservando a fé para a qual eles próprios foram convidados pelos apóstolos.

Assim como nos ensinamentos de Jesus e em todas as vozes que falam no Novo Testamento, santidade e amor não são características ou opções conflitantes. Eles se definem e se reforçam mutuamente.